

Prefácio

Rosa Inês de Novais Cordeiro

Como citar: CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. Prefácio. *In:* MANINI, Miriam Paula; OLIVEIRA, Eliane Braga de; GOMES, Ana Lucia de Abreu. **Imagem, Informação e Memória:** abordagens acerca da preservação do audiovisual, do cinema e da fotografia. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 15-20. DOI:
<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-271-0.p15-20>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PREFÁCIO

É presente o interesse da comunidade de pesquisadores em estudos de informação que abordam os registros visuais nos seus mais diversos recursos de informação. Neste livro, elegeu-se a discussão sobre a dimensão das imagens no âmbito das fotografias, das obras cinematográficas e demais documentos audiovisuais pelo viés da memória e no que tange também à preservação desses documentos. A trajetória histórica e cultural da humanidade, atrelada aos registros visuais, impulsionou o desenvolvimento de técnicas e tecnologias que implicaram, de uma forma ou de outra, nas teorias e práticas relativas à organização desses documentos, mediante sua análise e interpretação. Estas últimas permitiram o seu tratamento técnico, acondicionamento, acesso e uso nos contextos das unidades de memória-informação, sejam elas espaços físicos ou digitais, além, evidentemente, dos ambientes de memória-informação que se configuram na internet e nas redes sociais. Cabe mencionar, aqui, a denominação de Foster e Rafferty (2016)¹ para esses registros, os quais são intitulados objetos digitais culturais ou documentação digital cultural. Contudo, a proteção ao patrimônio cultural e audiovisual, no que concerne particularmente à sua memória e, em consequência, à preservação desses registros, nem sempre foi alvo de preocupação de políticas públicas e não acompanhou o desenvolvimento tecnológico de tais recursos de informação.

¹ FOSTER, A.; RAFFERTY, P. (ed.). **Managing digital cultural objects**: analysis, discovery and retrieval. London: Facet Publishing, 2016.

Os capítulos deste livro, organizado pelas professoras Miriam Paula Manini, Eliane Braga de Oliveira e Ana Lúcia de Abreu Gomes, evidenciam a escolha nas abordagens dos caminhos percorridos por seus autores, cuja distinção autoral determinante se direcionou ou perpassou nos enfoques quanto à complexidade dos acervos fotográficos e audiovisuais nas instituições custodiadoras e sua organização, memória como relato e perspectiva cognitiva e preservação audiovisual. Também observamos a pujança da topicalidade deste livro na expressividade do quadro referencial usado pelos seus autores, ora pressupostos teóricos ou filosóficos, ora pressupostos oriundos da experiência empírica, possibilitando ao leitor a opção pela escolha dos traços referenciais quanto à natureza do estudo.

Neste momento, acreditamos que seja oportuno retomar, na perspectiva desta obra, o que se objetiva atualmente na prática acadêmica das Escolas de Informação, que poderíamos relacionar e expandir aos Estudos em Informação aqui apresentados. Dillon (2013)², sobre o tema da “emergência da disciplina de informação” nas Escolas de Informação (iSchools), acredita que a natureza dinâmica do campo da informação é talvez a razão pela qual muitos de nós acabamos trabalhando nele. Observa que, embora esteja em voga que as administrações universitárias exponham de forma encorajadora os esforços interdisciplinares, do mesmo modo acredita que, na realidade, poucas universidades ou departamentos estão preparados para os enormes esforços envolvidos para transcender os limites disciplinares. Contudo, o autor retoma o tom otimista de seu texto apontando que estamos em uma época de novas Escolas de Informação e talvez seja possível compreendermos melhor o nosso papel e propósito como um esforço acadêmico. Na dimensão das características definidoras dessas Escolas, indica três elementos, os quais vemos que tangenciam os vários capítulos aqui desenvolvidos no universo da imagem, informação e memória. São eles: o reconhecimento de que nenhuma disciplina existente detém o monopólio da teoria e do método apropriados para o estudo da informação e, portanto, pensa-se em intelectualidade diversificada e participação coletiva de problemas compartilhados; a compreensão que o

² DILLON, A. The emerging discipline of information. In: BAWDEN, D.; ROBINSON, L. **Introduction to information science**. Chicago: Neal-Schuman, 2013. p. xvii-xix.

tratamento da informação concebido é mediado por pessoas e tecnologia em múltiplos ambientes, ao contrário de uma base restrita às práticas convencionais de organização da informação (bibliotecas, arquivos, museus etc.); e, por fim, o compromisso com atividades de pesquisa que buscam respostas a questões fundamentais e urgentes sobre a informação em todos os empreendimentos humanos.

Nessa perspectiva de domínios do conhecimento de múltiplos registros e acesso compartilhado, concebemos que os treze capítulos possuem estruturas próprias e podem ser agrupados nos eixos “cine-audiovisual e memória” e “fotografia e memória”.

Antes de apresentar os textos que compõem esta coletânea, evidenciamos a atuação da professora Miriam Paula Manini na criação e coordenação do grupo de pesquisa Imagem, Memória e Informação (IMI), espaço que proporcionou frutíferas pesquisas e discussões sobre o tema deste livro, resultando em diversos trabalhos de final de curso, dissertações e teses na Universidade de Brasília (UnB) e demais relevantes atividades da vida acadêmica da professora.

Neste sentido, iniciamos a apresentação desta coletânea pelo último capítulo, de autoria da mencionada professora, também pelo fato deste não se configurar especificamente em um dos eixos citados, perpassando-os, em função de sua natureza de estudo bibliográfico. Realizado pela autora no período de 2002 a 2017, este foi impulsionado pelo seu interesse acadêmico no tema. Em consequência, foram sistematizadas listas temáticas, assim denominadas pela autora, referentes aos seguintes assuntos: análise da informação imagética, análise documentária de imagens (ADI), análise documentária de filmes, análise documentária de fotografias, imagem, memória e informação na ADI e tratamento da informação de imagens digitais. A autora ainda verificou a contribuição de seus estudos na formação acadêmica dos graduados e pós-graduados na área. No capítulo 1, Aline Camargo Torre e Antonio Laurindo Santos Neto expõem o panorama do acervo audiovisual custodiado pelo Arquivo Nacional, no que tange aos desafios enfrentados e soluções propostas quanto ao tratamento técnico dos documentos audiovisuais. Igualmente alertam como grandes desafios o diagnóstico de conservação (síndrome do

vinagre) com vistas à aplicação de procedimentos urgentes de restauração e/ou duplicação e a “reformatação dos suportes e formatos obsoletos”. O enfoque do capítulo 2, realizado por Johanna Wilhelmina Smit, é a reflexão sobre os documentos audiovisuais a serem selecionados e preservados pelas instituições-memória como representativos da memória e integrantes desses acervos. Nesse desafio, também aborda o que denomina de paradoxo entre documentos textuais e audiovisuais, entre memória individual e memória coletiva; e a distinção entre memória e reminiscência. A leitura do capítulo 3 apresenta as preocupações de Mateus Nagime em relação à preservação dos materiais esportivos digitais, entre estes os audiovisuais. Acentua sobre o estabelecimento desse material como integrante do patrimônio audiovisual, “seja regional (do país, da cidade, ou mesmo do mundo) ou esportivo (da história de um esporte específico, ou de um clube, ou de um atleta) ou ainda patrimônio simbólico pessoal do atleta, fã, cidadão”. Descreve que, atualmente, dois arquivos são dedicados prioritariamente a arquivar imagens esportivas: a Fundação Olímpica pela Cultura e Patrimônio, em Lausanne, Suíça, e a Iconoteca (*Iconothèque*) do Instituto Nacional do Esporte, Expertise e da Performance (INSEP), em Paris, França. Contudo, o autor menciona as limitações fundamentais no escopo desses arquivos.

No eixo Cinema, Informação e Memória, Alcilene Cavalcante de Oliveira discute as inquietações provocadas pelos filmes realizados por mulheres no Brasil na década de 1970, quando, então, é analisado o longa-metragem *Feminino plural* (1976), de Vera de Figueiredo. Estão reunidos também neste eixo o artigo de Eduardo Morettin, Daniela Giovana Siqueira e Debora Butruce que atentam, no campo da preservação audiovisual, para questões concernentes ao conceito de original em uma obra audiovisual e suas implicações quanto ao significado de restauração ligado a esse universo. Relacionam as questões da preservação à análise de dois filmes brasileiros realizados em contextos muito diversos: *Os óculos do vovô* (1913), de Francisco Santos, e *Crioulo doido* (1970), de Carlos Alberto Prates Correia. No capítulo 6, Maria Leandra Bizello estuda dois filmes relativos à ditadura militar no período de 1964-1984: *Hércules 56*, de Silvio Da-Rin (2006), e *Trago comigo*, de Tata Amaral (2016). Expõe que

“esses filmes tomam o relato, o testemunho como uma expressão histórica de sujeitos que agiram, mas não foram reconhecidos em sua historicidade”. No capítulo 7, Solange Puntel Mostafa analisa o filme *Persona* (1966), de Ingmar Bergman, objetivando contemplar a análise das imagens numa conjugação entre a filosofia da diferença e a Ciência da Informação. Para tal, recorre ao aporte da teoria de Deleuze no que tange em especial à “imagem-afeção” para fins de nomeação de termos de indexação como um exercício de reflexão sobre esta possibilidade.

No eixo Fotografia, Informação e Memória, Ana Heloisa Molina e Claudia Prado Fortuna abordam temas como fotografia e reminiscências, a memória involuntária e a memória coletiva. Por meio de uma foto urbana de Eugene Atget (1857-1927), as autoras exemplificam a questão dos “espaços e os vazios de um local em transformação e a captura em seu registro de uma memória da cidade que evoca e promove outras lembranças”. No capítulo 8, Marcus Galindo e Albertina Otávia Lacerda Malta exploram a interface fotográfica resultante dos olhares entre o fotógrafo e o observador, mediada pela tecnologia. “É um campo de conexão entre inteligências, área compartilhada em que ocorrem as interações simbólicas complexas, sendo um dispositivo lógico desenhado para viabilizar a troca de informação e promover a ligação entre sistemas”. No item sobre a impermanência da memória, os autores observam que coleções “possuem vida própria e pedem tratamento em permanente evolução”. Ressaltam a preservação digital como subcampo da curadoria digital, embora reconhecendo que a preservação digital antecede à curadoria digital, “ela se acomoda mais confortavelmente como um subcampo que propriamente uma área de especialização”. Gabriela Fiorin Rigotti, no capítulo 9, dá continuidade à sua proposta de pesquisa sobre a imagem da professora a partir das fotografias e dos textos que as acompanham extraídos do livro fotorreportagem “Teia do Saber: capacitação de professores da rede pública”, lançado pela Unicamp em abril de 2006. Procura responder a indagações como: “Qual discurso acerca da formação de professores – proferido pela academia, pelo Estado e pelo grupo editorial responsável pelo livro analisado – estas fotografias e textos ajudam a confirmar? Estas fotografias, analisadas a partir de seus elementos constitutivos (cenários, figurinos, posições de câmera etc.) e com

o suporte dos textos, ajudam-nos a reconhecer as professoras conhecidas pessoalmente durante as aulas do Teia do Saber? Será que a própria professora fotografada se reconhece neste livro? Será que Dona Zezé se reconheceria?”. No capítulo 11, Neiva Pavezi e Cristina Strohschoen dos Santos descrevem sobre a produção fotográfica da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e o desafio do seu tratamento técnico arquivístico. Assinalam as dificuldades tocantes ao uso do código de classificação quanto à especificidade da representação notacional desejada. A seguir, informam os problemas que têm sido enfrentados na descrição e preservação desses acervos fotográficos, assim como a incorporação de metadados dos documentos fotográficos digitais no Sistema de Informações para o Ensino da UFSM. Finalizando os textos deste eixo, Telma Campanha de Carvalho Madio, no capítulo 12, examina a fotografia no seu contexto histórico e a sua incorporação aos acervos das unidades de informação, explorando o tratamento desses registros nos museus, nas bibliotecas e nos arquivos. A autora reconhece a fotografia “como documento produzido com intencionalidade e função definidas, destacando-se que não é possível identificar e compreender somente os elementos visuais presentes, mas contextos, objetivos/funções, procedimentos e técnicas necessárias para o resultado da imagem”. Pondera que “arquivos, bibliotecas e os museus deveriam considerar esse conjunto, séries ou sequências, como enunciados de linguagem. Enunciados manifestos não unicamente na guarda de fotografias, mas também na disposição, arranjo e apresentação”.

Ao encerrarmos este prefácio, gostaríamos de mencionar o desejo de que este livro revele aos profissionais e pesquisadores em estudos de informação dos registros visuais no campo da memória uma leitura interessante e oportuna. Sem dúvida, um convite ao leitor.

Rosa Inês de Novais Cordeiro